

ALGO DE SÓRDIDO NA ESTUFA

James Lovelock¹

No final da década de 30, quando eu era estudante, sabíamos que a guerra era iminente, mas não havia uma idéia clara do que fazer a respeito. Como era jovem, inclinava-me naturalmente para a esquerda na política, seguia a via pacifista e acreditava que nada podia ser pior do que a guerra; os meus pontos de vista eram compartilhados por muitas pessoas, em particular por velhos soldados, que guardavam lembranças terríveis da Primeira Guerra Mundial. Mesmo aqueles que se posicionavam à direita diziam que Hitler não representava perigo; o inimigo natural dele era a Rússia Soviética. Esse pacífico mundo onírico persistiu até 1940, quando, subitamente, a guerra se tornou real.

Reconheço uma acentuada semelhança entre a atitude das pessoas há mais de sessenta anos e as de agora diante da ameaça da Mudança Global. A maioria de nós acredita que algo desagradável possa acontecer logo, mas estamos tão confusos quanto ao que devemos fazer a respeito quanto estávamos em 1938. A nossa resposta até agora se assemelha exatamente à que apresentávamos em 1938: uma tentativa de apaziguamento. O Acordo de Kyoto é estranhamente semelhante ao de Munique, com políticos se manifestando para mostrar que estão realmente reagindo, mas na verdade estão é pedindo tempo. Somos animais tribais, e a tribo não age em uníssono até que um perigo real e presente sejam percebidos. Isso ainda não aconteceu e, como indivíduos, seguimos os nossos caminhos separados, ao passo que as inevitáveis forças de Gaia tomam posição contra nós. Logo estaremos envolvidos na batalha e aquilo com que nos defrontaremos será muito mais letal do que qualquer guerra relâmpago. Estamos em guerra com a própria Terra.

Não tenham dúvidas, logo enfrentaremos o maior teste pelo qual a humanidade já passou. O nosso cientista-chefe, Sir David King, estava certo quando disse nos Estados Unidos, no começo deste ano, que o aquecimento global é uma ameaça maior do que o terrorismo, mas creio que ele não foi convincente o bastante. O aquecimento global é a resposta do nosso planeta injuriado aos danos que já provocamos, e as conseqüências para a humanidade serão provavelmente muito piores do que qualquer guerra.

Os cientistas reconhecem que atualmente a Terra é um sistema auto-regulador composto de todas as suas formas de vida, incluindo os seres humanos e todas as partes materiais que a constituem, o ar, os oceanos e as rochas da superfície. O sistema da Terra regula o seu clima e a sua química. Uma vez que a Terra se assemelha a um organismo vivo e reage a tudo o que fazemos, adicionar gases

¹ Cientista, ambientalista, autor da Teoria de Gaia. Discurso proferido na Conferência "Gaia and Global Change", Darlington, junho de 2004.

de estufa à atmosfera tem conseqüências muito diferentes se o mesmo acréscimo fosse feito num planeta morto, como Marte.

As leis de Gaia indicam que, se alguma espécie provocar mudanças na composição do ar e na natureza da superfície da Terra, ela se arriscará a alterar o mundo até um estado que desfavorecerá a sua progênie. É desse modo que o sistema Terra desencoraja espécies nocivas, e nesse sentido nós somos agora os alvos de Gaia. Não somos, porém, apenas uma peste sobre o planeta, a qual deve ser eliminada; somos parte de Gaia, e a sua primeira espécie conscientemente inteligente. Temos grande valor potencial. No mínimo, erguemos um espelho diante da Terra e deixemos que ela veja o quanto é bela em comparação com os outros planetas.

Ainda não despertamos para a seriedade do aquecimento global e, como aconteceu em 1938, as propostas para a ação são vagas e insatisfatoriamente levadas em consideração. Algumas pessoas aqui, e muitas nos Estados Unidos, negam a existência da Mudança Global e prosseguem com os seus negócios como de costume, pretendendo desfrutar de um século XXI mais quente enquanto ele durar. Outras pessoas reconhecem a ameaça, mas reagem adotando o caminho Verde radical: nada ingerir além de alimentos orgânicos, nada ingerir a não ser matérias-primas renováveis e recorrer à medicina alternativa e não à científica. Se seguirmos algumas dessas reações, isso permitirá que Gaia acabe retornando ao seu estado de saúde normal, mas à custa da eliminação da maior parte dos seres humanos, e provavelmente da própria civilização. O meio termo liberal, que nos permite reconhecer o aquecimento global, mas nada mais fazer a respeito a não ser tomar iniciativas cosméticas, como o Acordo de Kyoto, pode apenas adiar essas conseqüências.

Precisamos entender que já provocamos tantos danos ao sistema Terra que, mesmo que interrompêssemos de imediato a queima de combustíveis fósseis, ainda assim legaríamos uma Terra empobrecida aos nossos descendentes. A cada dia que continuamos imundiciando o ar e confundindo ecossistemas naturais com terras agrícolas, aumentamos a nossa dívida. Há um consenso entre os cientistas do clima segundo o qual estamos nos aproximando rapidamente de um nível extremo de dióxido de carbono na atmosfera – ultrapassado esse nível, situado entre 400 e 500 partes por milhão, o sistema Terra ficará sujeito a um superaquecimento irreversível – e, como estamos atualmente no nível de 380 partes por milhão, é possível que nos reste pouco tempo para agir.

Pode haver uma maneira de chegarmos a um acordo com Gaia, e sobrevivermos, o qual consiste em tomar o caminho da alta tecnologia. Essa opção exigirá que abracemos a ciência e a engenharia, e que não as rejeitemos; precisamos de seus conhecimentos e invenções para reduzir os impactos que provocamos sobre

a Terra. Na década de 40 quase morremos de inanição nestas ilhas [Reino Unido] e fomos salvos não por que escavamos túneis rumo à vitória, mas por causa da tecnologia primorosamente elaborada do radar que derrotou os submarinos. Agora, mais uma vez, precisamos da melhor tecnologia. Precisamos de uma faixa variada de fontes de energia, em que a energia nuclear desempenhe um dos papéis primordiais, pelo menos até que a energia de fusão se torne uma opção prática. Se os alimentos podem ser sintetizados pelas indústrias química e bioquímica a partir do dióxido de carbono, da água e do nitrogênio, então fazamos isso e deixemos a Terra em paz.

Precisamos para de nos preocupar com os diminutos riscos estatísticos de câncer em consequência de produtos químicos e de radiação. Quase um terço de nós morrerá de câncer, de qualquer maneira, principalmente por que respiramos ar carregado com essa substância carcinogênica que permeia tudo, o oxigênio. Se deixarmos de concentrar os nossos pensamentos no perigo verdadeiro, que é o aquecimento global, poderemos morrer ainda mais depressa, como aconteceu com mais de 20.000 desafortunados que sofreram os efeitos do superaquecimento ocorrido na Europa no verão passado. Precisamos levar a sério a mudança global, e imediatamente, em seguida fazer o melhor que pudermos para reduzir os vestígios que os seres humanos deixam sobre a Terra.

A nossa meta deveria ser a interrupção do consumo de combustíveis fósseis o mais rápido possível, a fim de que não haja mais, em lugar nenhum, a destruição de habitats naturais. A tentativa de cultivar a Terra toda para alimentar as pessoas, mesmo que seja com a agricultura orgânica, nos tornará semelhantes a marinheiros que queimam o madeiramento e o cordame do navio para se manter aquecidos. Os ecossistemas naturais da Terra não estão aí apenas para que nos apropriemos deles como terras agrícolas; eles estão aí para sustentar o clima e a química do planeta.

Para desfazer os danos que já provocamos, é necessário que tenhamos um plano cuja escala minimize os programas espaciais e militares em custo e em dimensão. Chega de desenvolvimento sustentável; o que precisamos é de uma retirada sustentável bem planejada. É inevitável que venhamos a cometer erros, principalmente porque ainda somos assombrosamente ignorantes a respeito do sistema da Terra. A expressão "energia renovável" soa benigna e parece refletir exatamente aquilo que a Terra necessita, mas imagine que a extração de energia por meio de turbinas eólicas venha a se tornar uma das principais fontes de energia; será que ficaríamos livres de consequências mais amplas? Não perco o sono pensando que os redemoinhos espalhados na atmosfera pelas asas de uma única borboleta poderiam gerar um furacão que derrubaria a minha casa, mas me pergunto se um milhão de gigantescas turbinas eólicas não poderia afetar desfavoravelmente a vortividade da atmosfera.

Acho extraordinário que a única fonte de energia segura e comprovada, e cujas conseqüências globais são mínimas, a energia nuclear, seja tão prontamente rejeitada. Ela é hoje tão confiável quanto qualquer produto da engenharia humana pode sê-lo e, de acordo com um recente relatório suíço, é a que apresenta melhor registro de segurança dentre todas as fontes de energia de grande escala. A França está nos mostrando que essa pode se tornar uma das principais fontes nacionais de energia e, no entanto os governos ainda temem lançar-mão dessa única corda de segurança que podemos usar de imediato. Vivemos uma época em que as emoções e sentimentos contam mais do que a verdade, e há uma enorme ignorância da ciência. Permitimos que os escritores de ficção e que os lobbies verdes explorem o medo da energia nuclear, e de quase todas as novas ciências, da mesma maneira que as Igrejas exploravam o medo do fogo do inferno não faz muito tempo. Precisamos estar vigilantes e nos certificar de que as propostas terapêuticas sensíveis não sejam sufocadas pelas mãos mortais da rejeição puritana.

Estamos parecendo os passageiros de um grande avião cruzando o oceano Atlântico que, de repente, percebem exatamente quanto dióxido de carbono o seu avião acrescenta ao ar já sobrecarregado. Dificilmente seria de alguma ajuda pedir ao comandante para desligar os motores e deixar o avião seguir o seu curso como um planador, sustentado apenas pela energia do vento. Não podemos desligar a nossa civilização, intensamente dependente dos combustíveis fósseis sem causar um desastre, mas precisamos de algo muito mais eficiente do que o Acordo de Kyoto.

A minha esperança reside nessa força poderosa que domina a nossa vida, quando sentimos que a nossa tribo ou nação é ameaçada de fora. Em tempos de guerra, aceitamos sem questionar, o mais severo dos racionamentos e prontamente oferecemos nossa vida em sacrifício. Talvez quando as catástrofes provocadas pela intensificação do efeito estufa se tornarem freqüentes o bastante, venhamos a congregar nossas forças globalmente em torno da moderação para parar de queimar os combustíveis fósseis e de abusar do mundo natural. Os astronautas que tiveram a oportunidade de observar a Terra do espaço viram o quão assombrosamente belo é o nosso planeta; com freqüência eles se referem à Terra chamando-a de lar. Eu sou um Verde, e de longa data. Assim, peço a todos os Verdes que ponham de lado os seus temores sem fundamento e a sua obsessão exclusiva em relação aos direitos humanos. Sejamos corajosos o bastante para reconhecer que a verdadeira ameaça provém dos danos que causamos ao ser vivo que é a Terra, da qual fazemos parte, e que é realmente o nosso lar.